

# Sistema hospitalar está doente <sup>32</sup>

A falta de estrutura técnica e física dos hospitais de Brasília e suas conseqüentes falhas ocuparam as páginas dos jornais locais nos últimos dias, levando o brasiliense a descrever ainda mais do sistema de saúde, hoje já bastante desacreditado. Tanto que a secretaria de Saúde decidiu realizar no próximo mês a I Conferência de Saúde do DF para repensar o sistema, adequá-lo às necessidades da população e resgatar a credibilidade da comunidade com relação aos serviços médicos oferecidos pela rede hospitalar.

Para a presidente do Sindicato dos Médicos do DF, Maria José da Conceição, o problema não é só da Fundação Hospitalar, mas de toda a rede de saúde pública, concentrando-se especialmente nos hospitais de grande porte que se encontram em meio a uma grave crise, enfrentando proble-

mas que vão desde a falta de medicamentos e recursos humanos, até ao aumento da incidência de infecções hospitalares.

A falta de remédios atinge também unidades de saúde criadas para oferecer um atendimento primário, como os centros de saúde, ou até secundário, como os postos do Inamps. Na Ceilândia, por exemplo, os moradores que procuram os centros de saúde sabem que os remédios enviados pela Central de Medicamentos (CEME) só duram os primeiros 15 dias do mês. Para não ficar sem aviar as receitas, a maioria procura os centros nestes dias, enfrentando filas que começam a se formar em frente aos postos ainda de madrugada.

Fatos como estes aliados a outros de ordem funcional, como a falta de lençóis e toalhas por que passa o Hospital Presidente Médi-

ci, onde há carência também de pessoal paramédico, mostram a crise que atravessa o setor levando a presidente do Sindicato dos Médicos a acreditar que o sistema encontra-se à margem de um colapso.

Maria José afirma que os problemas são um reflexo da crise. Hoje alguns hospitais estão deficientes para atender a demanda excessiva de pacientes, como é o caso do Hospital Regional de Ceilândia, onde existem apenas 10 leitos na clínica médica para atender uma população de quase 500 mil habitantes. Por outro lado, hospitais como o das Forças Armadas permanecem ociosos, lembrou Maria José. Para exemplificar, ela cita o fato desse hospital ter sido suficiente para atender a demanda que busca os hospitais da rede do DF, durante a greve dos médicos, realizada no início do ano.